



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

KENI TATIANA VAZZOLER AREIAS

(depoimento)

2015

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-634

Entrevistado: Keni Tatiana Vazzoler Areias

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Universidade Federal de Minas Gerais

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 20/11/2015

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 19 minutos e 19 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação em Educação Física; Envolvimento com a temática de políticas públicas e de lazer; Programa Esporte e lazer da Cidade (PELC); Processo de formação no PELC; Projetos nos quais atua; Diferença nos planejamentos e formação; Planejamento e organização das atividades; Estratégias metodológicas; Resultados; Visitas aos núcleos; Finalização dos convênios; Municipalização dos núcleos; Aspectos positivos do PELC e possibilidade de melhorias; O significado no PELC na sua trajetória pessoal.

Belo Horizonte, 20 novembro de 2015. Entrevista com Keni Tatiana Vassoler Areias a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Boa Tarde! Eu queria agradecer primeiramente a tua participação em ceder a entrevista e eu gostaria que tu iniciasse falando um pouco da tua formação?

K.A. – Boa Tarde! É um prazer poder falar compartilhar um pouco, eu fui uma das últimas formadoras a entrar no convênio, então, é muito bom poder passar um pouco também de informações a respeito de alguém que chegou bem depois. A minha formação inicial, que você me perguntou: eu sou formada em Educação Física, na época em Educação Física em Licenciatura Plena pela Universidade Federal do Espírito Santo. Nessa mesma Universidade eu tive a oportunidade de fazer mestrado, eu estudei Políticas Públicas de Lazer no mestrado, aliás, na época da graduação ainda a minha monografia foi sobre o PELC¹ em 2008 e após ter feito o mestrado eu tive oportunidade de atuar na Universidade, mas aí já é a formação profissional, então, minha formação inicial foi em Educação Física com mestrado também em Educação Física.

J.K. – Certo, e como a temática do lazer apareceu na tua trajetória?

K.A. – Ela apareceu, em especial, no final da graduação. Eu estava escolhendo o tema que eu iria trabalhar na monografia e eu trabalhava com uma Política Pública não diretamente de Lazer, mas de turismo, de desenvolvimento econômico na cidade em que eu morava e apareceu a oportunidade de eu me inserir em um Grupo de Pesquisas de Políticas Públicas. Então foi uma grande oportunidade de associar um pouco a prática do que eu já tinha feito com uma teoria e a partir daí, inserida em um grupo de pesquisas eu tive oportunidade de focar mais no lazer, então, eu comecei com Políticas Públicas e depois eu fui para o lazer, então, é desde o fim da minha graduação que eu comecei a me inserir.

J. K. – E como que tu chegou a conhecer o PELC?

¹ Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

K. A. – Foi nessa mesma época. O professor Carlos Nazareno², que é formador do Programa, ele estava desenvolvendo nesse grupo de pesquisa... Aproveitando essa relação que ele tinha com o PELC, ele estava desenvolvendo algumas pesquisas sobre o PELC e uma dessas pesquisas se referia ao PELC lá do município que eu residia, que é Vitória. Então ele fez uma proposta de tema que eu abracei e aí que eu fiquei conhecendo... Nessa mesma ocasião eu tive a oportunidade de participar do 2º Encontro Nacional de Coordenadores e Gestores e Formadores do PELC em Brasília em 2007. E aí eu tive contato, conheci muitos formadores, conheci mais profundamente a proposta do Programa, então, desde essa época que eu tenho conhecimento e me relaciono de alguma forma. Foi tema da minha monografia.

J.K. – Sim, e para tu chegar a se tornar uma formadora como que ocorreu essa tua preparação?

K.A. – É, o curioso assim, é que pelo fato de eu ter uma referência de um dos formadores ser meu orientador na faculdade, eu achava que era algo bem distante da minha realidade ser formadora; eu achava que era algo que eu nunca ia conseguir chegar ao nível de uma formadora, então, era algo que eu nem pensava em prestar concurso para ir aos processos seletivos. Até que surgiu um processo seletivo para consultor que tinha um *perfil* pelo edital um pouco mais de acompanhamento gerencial do Programa, devido a minha experiência anterior com política pública eu pensei que seria uma oportunidade ideal de unir a minha experiência profissional com a qual que eu estudava e com o PELC, que era algo que eu já tinha afinidade que eu fiquei conhecendo por meio do formador no caso o Nazareno e outros que eu já tinha conhecido. Eu fiz o processo seletivo para entrar como consultora, daí como consultora eu conheci mais profundamente o PELC e teve uma reorganização dentro do Programa que a função de consultor passou pra outra função e eu fui convidada a uma função que eles reconheceram como próxima também na minha capacidade e eu achei que realmente tinha muito mais a ver comigo, que é de formadora do que necessariamente, como articuladora que eram atribuições bem diferentes das previstas inicialmente, então foi assim que eu entrei como formadora.

² Carlos Nazareno Ferreira Borges.

J.K. – E hoje tu atua tanto no PELC Todas as Idades quanto no PELC Povos e Comunidades Tradicionais e o Vida Saudável?

K.A. – Eu não tive a oportunidade ainda de fazer formações com os outros dois Programas, com o outro Programa que é o Vida Saudável, nem com outra modalidade. Eu entrei como formadora tem... Eu estou atuando como formadora tem um ano e alguns meses, nesse período todos os meus convênios foram o PELC Todas as Idades, então, eu ainda não tive oportunidade.

J.K. – Certo! E qual seria a diferença ou se tu vê diferença no planejamento e na formação de cada um desses projetos?

K.A. – É, mesmo não tendo feito a formação é bem visível. Eu tive uma sorte também dentro do Programa, porque quando eu atuei como consultora eu tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de alguns formadores, então, eu considero que isso foi uma grande, uma *grande contribuição* para o meu trabalho e eu pude acompanhar também formações com o Vida Saudável e, realmente, é diferente a lógica do Programa apesar das diretrizes e princípios se manterem. Isso fica muito claro mas a abordagem é bem diferente da metodologia as atividades que são passadas, então, eu tenho essa consciência apesar de não ter ido para a prática. Povos e Comunidades Tradicionais eu nunca tive oportunidade, mas eu ouvi relato de formadores e dá para perceber que é uma diferença bastante grande tanto na lógica de preparação da formação como na execução também, mas quem sabe um dia eu vou ter oportunidade. [riso]

J.K. – Claro! E como que tu faz para planejar e organizar as atividades de formação do programa?

K.A. – Cada convênio a gente tem dois movimentos: o primeiro movimento é de seguir as diretrizes, então, tem conteúdos que precisam a parecer na programação e a gente fica muito ligado nisso e tem também... Até o auxílio, hoje, dos articuladores que nos ajudam a não deixar passar a importância de cada tema, então, assim, o primeiro fator é a gente perceber que tem uma demanda das diretrizes e dos conteúdos; o segundo é o contato que a

gente faz com a entidade para saber se existe alguma especificidade, algum tema...É claro que no *primeiro módulo* de formação é mais complicado, porque a gente ainda não tem uma relação muito próxima com o convênio, então, a gente pega dados gerais, a gente observa localidade para ver: é uma região litorânea, uma região de interior, então, tudo isso também... Talvez isso não apareça tanto na programação, mas na forma como a gente aborda o conteúdo é bastante diferente de uma formação para outra, mas é nesse contato com a entidade mais as diretrizes.

J. K. – E além dos temas obrigatórios que tem dentro das diretrizes tu busca inserir outros temas para a formação?

K. A. – Sempre aparecem outros temas, principalmente, diante de duas questões: uma da nossa experiência profissional, então, tem temas que, por exemplo, eu estudei sobre políticas públicas, isso está posto de alguma forma nas diretrizes mas não explicitamente, em alguns casos dependendo do modo, então, a relação das políticas públicas de lazer e tudo... É um tema que eu abordo com frequência, até pela necessidade por ser uma política pública; outros temas aparecem durante a formação muitas vezes, senão no módulo introdutório não aparece antes, mas aparece durante e na avaliação 1 e na avaliação 2. Os próprios agentes demandam isso para a gente, então, a gente tem uma avaliação do módulo que tem lá o item que eles colocam quais temas que podem ser abordados e a gente procura levar isso em consideração.É claro que eles demandam muitas atividades práticas, que a gente de alguma forma tem que mediar, mas aparecem de alguma maneira e muito vinculada à necessidade que eles apresentam para a gente.

J.K. – E quais as estratégias metodológicas que tu costuma utilizar?

M.A. – A gente utiliza em todas as atividades, em todos os módulos, a gente sempre utiliza dinâmicas de interação no primeiro momento, a gente utiliza... São muitas estratégias, a gente utiliza vídeos, a gente utiliza em *alguns momentos*, não muito, mas filmes dependendo do tema, textos, a gente não utiliza textos muito longos; eu não utilizo textos muito longos, mas assim, a gente sempre procura introduzir algum texto, atividades físicas e esportivas que vão orientar as oficinas esportivas e a gente acha... *Eu* falo “a gente” porque os formadores pensam parecido, mas eu considero essencial porque a gente discute

muito nas formações o esporte recreativo, o esporte não competitivo. Mas os agentes têm dificuldade de ver como isso funciona na prática, então, oficinas práticas são essenciais também; a gente busca a experiência dos agentes também para eles ministrarem alguma atividade, dividir um pouco essa responsabilidade para eles também se mobilizarem. Então são muitas as estratégias utilizadas e em cada formação... Por exemplo, como esse encontro, nós aprendemos novas metodologias, eu pelo menos aqui já aprendi duas metodologias diferentes que eu vou passar a utilizar nas minhas formações, que são os eventos dentro da formação e que são as dos seminários de distribuição de textos para os próprios agentes que eu não utilizava ainda, mas que eu vou passar a utilizar.

J.K. – E tu consegues observar algum resultado nos agentes e no núcleo ao longo das formações que são realizadas?

K.A. – Com certeza, é claro que não é 100% dos casos que a gente observa uma evolução como a gente gostaria. Eu tenho experiências nos núcleos que eu acompanhei de ver mudanças bastante significativas, tem convênios em que você chega... A exemplo de um convênio, que os agentes não tinham nem experiência profissional, nem formação acadêmica e eles *conseguiram* executar o Programa, então, você vê que eles estão muito mais prontos hoje para trabalhar com isso do que eles estavam antes. Infelizmente alguns convênios têm muitas trocas de agentes, então, nesses casos é difícil a gente acompanhar do início ao fim porque vai mudando. Mas em grande parte eu percebo uma mudança significativa a partir da intervenção, na qualidade das oficinas nos convênios que eu acompanho; eu tenho resultados bem positivos, não é como a gente gostaria muitas vezes, não é o ideal, muitas vezes a gente reforça uma informação e eles não traduzem isso para a prática, mas outras muitas nós somos surpreendidos pela qualidade do trabalho, então, hoje eu percebo o saldo como muito positivo e um salto de qualidade sim, pelo menos na grande maioria dos convênios que eu acompanho.

J.K. – E em relação às visitas aos núcleos, como são realizadas as visitas técnicas e as visitas pedagógicas?

K.A. – É no caso dessa nomenclatura de visita técnica se refere ao primeiro módulo de capacitação, ela é uma estratégia metodológica que eu considero essencial de acontecer no

primeiro módulo porque é muito complicado. Você pensa a realidade local, pensa em quais atividades a comunidade vai realizar, sem pensar nos espaços que vão receber isso, então, eu considero essencial e, principalmente, importante que seja orientada. Eu busco sempre orientá-los para pensar nas lideranças que estão envolvidas, no entorno, na qualificação dos espaços... Hoje a gente tem uma realidade no Brasil bem heterogênea, de locais em que você tem muitos espaços excelentes mas não tem utilização desses espaços; outros em que não têm espaço mas as pessoas conseguem resignificar os existentes, então, essa visita técnica é fundamental e que aconteça logo no primeiro contato com o núcleo. É uma visão muito positiva que eu tenho sobre ela. A respeito da visita técnica foi uma demanda que nós encontramos dentro do Programa ainda quando eu atuava como consultora; eu ajudei também nesse movimento de pensar como seria a relação dos formadores com os núcleos e a gente percebeu que tinha uma lacuna entre Módulo Introdutório e Módulo de Avaliação. Os formadores também tinham percebido isso já na época e nós pensamos que uma visita intermediária seria fundamental, porém, depois o Módulo de Formação foi modificado para quatro, Módulo Introdutório I e II, então, essa lacuna de tempo acabou sendo solucionada. Mas nós percebemos que também não dava tempo dos formadores realizarem a formação ao mesmo tempo em que observavam o funcionamento dos núcleos, então, hoje ela funciona como um instrumento excelente para a gente, não apenas ajuda na fiscalização mas também para gente verificar exatamente o que você me pergunta: “Você percebe um salto qualitativo?”. Como que a gente vai perceber isso se a gente não visitar o núcleo na hora que ele está funcionando? Então eu considero que... Eu já fiz umas quatro visitas pedagógicas e fui surpreendida positivamente na maioria delas porque quando a gente vai lá e encontra os agentes na formação... A gente não tem ideia de como eles realizam o trabalho e *vê-los* realizando, um esforço de fazer aquilo que nós orientamos e uma qualificação do trabalho deles é muito importante, então, não apenas para ajudar o Ministério³ mas também para nós auxiliar nessa tarefa de auxiliar o nosso trabalho como formador.

J.K. – E existe algum acompanhamento dos núcleos após o fim dos convênios?

³ Ministério do Esporte.

K.A. – Até o momento eu só tenho um convênio que se finalizou. Finalizou, mas ainda está com atividades porque eles estão utilizando o recurso de rendimentos, então, eu ainda não tive oportunidade de pegar esse pós-convênio, mas eu não sei como que funciona isso para os outros formadores.

J.K. – E tu percebes que os núcleos têm obtido algum tipo de êxito no processo de municipalização?

K.A. – Eu percebo uma dificuldade tremenda na questão orçamentária por um lado, mas não apenas isso; eu percebo que muitos mesmo.... A gente falando *bem* no início, desde o primeiro contato sobre essa necessidade, existe uma posição um pouco passiva ainda; aquela história da hieraquerização, das prioridades municipais mas eu percebo também assim, que nos municípios em que tem um setor de esportes e lazer, as próprias políticas já existentes começam a considerar uma nova forma de fazer, mesmo que não seja exatamente nas características do PELC. Mas um jeito novo de fazer, mas para continuar com o PELC existe uma barreira orçamentária e de prioridades ainda muito forte.

J.K. – Teria algum ponto que te identifica que poderia ser melhorado no Programa?

K.A. – Olha, eu acredito que tudo pode ser melhorado e esse é nosso debate constante, não apenas no âmbito da gestão, como no âmbito dos formadores existe sempre uma tentativa de aprimoramento. Como formadora eu acho que... Existe uma parte que me cabe de continuar me formando, de continuar melhorando e ampliando meu conhecimento para fazer um trabalho cada vez melhor; na parte da gestão existe um esforço muito grande e que precisa continuar, que é a história do Sistema de Acompanhamento e Monitoramento que a gente ainda tem uma certa dificuldade, algumas questões precisam ser resolvidas, mas algo muito importante no PELC e que facilita tudo isso, é o diálogo, desde o diálogo que nós temos com a equipe do Ministério, com a equipe da UFMG⁴ e com a abertura que você tem com os municípios. Os municípios tem total acesso de falar, tanto com os formadores, técnicos, equipe e resolver qualquer conflito, então, os problemas de gestão e

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais.

funcionamento eles existem, acho que vão sempre existir, mas a facilidade que se tem de contato para resolver eu acho que é o grande ponto positivo do Programa.

J.K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei, que não ficou colocado aqui na entrevista e que tu gostaria de compartilhar, de comentar?

K.A. – Eu falo um pouco demais quando me dão espaço [riso].

J.K. – Mas, pode falar à vontade!

K.A. – A única questão que eu coloco, é assim: por eu ter começado, por eu ter conhecido o PELC em uma situação, uma circunstância diferente, como estudante, de eu ter uma visão à respeito das políticas públicas como espaço de contradição, é reforçar o que o PELC significa isso tudo. Que é uma tentativa, é um esforço de operacionalizar o conceito de transformação social por meio do lazer; isso a gente nunca pode perder de vista mesmo sabendo a dificuldade que é. O PELC para mim ele representa muito, ele representa a grande contradição da política pública que a gente sempre coloca como um espaço permeado por lutas políticas e que tem uma intencionalidade muitas vezes que é a manutenção do “status quo”. Mas é dentro desse espaço de estado, de políticas públicas a gente tem uma política que *mexe* nessas estruturas e a gente tem pessoas trabalhando exatamente para provocar na população uma noção de consciência, de transformação social, então para mim o PELC ele tem um significado muito forte e por isso eu me identifico tanto com ele.

J. K. – Então, eu agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

K. A. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]